



Universidades Lusíada

Henriques, Mário Jorge de Sousa

Cidade ou processo urbano

<http://hdl.handle.net/11067/5030>

Metadados

Data de Publicação

2011

Resumo

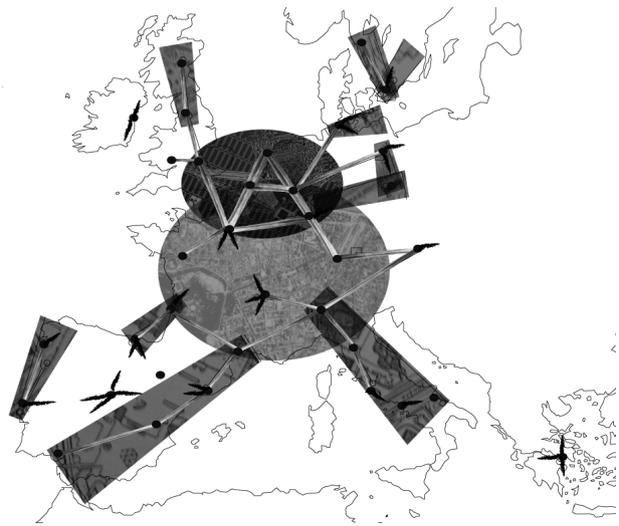
A cidade está sob uma forte influência do novo paradigma resultante do actual aceleração espaço-tempo, uma nova identidade urbana definida mais pela relação espaço-tempo-informação. Novos conceitos e a reformulação de outros desgastam os alicerces da cidade moderna. Nasce cada vez mais híbrida e complexa outra modernidade urbana. Provavelmente já não fará muito sentido falar em cidade mas mais num processo urbano que se desenvolve por territórios físicos e mentais onde a noção de espaço-tempo ...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T20:15:04Z com informação proveniente do Repositório

Physical territory *versus* urban centers



CIDADE OU PROCESSO URBANO MÁRIO JORGE DE SOUSA HENRIQUES, Master Arquitecto / UPC Barcelona Metropolis and urban culture

EXCERTO DA TESE DE MESTRADO “INT(D)ENCITISM REGION CONCEPT_NOVA RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO”

INTRODUÇÃO

A cidade está sob uma forte influência do novo paradigma resultante do actual aceleração espaço-tempo, uma nova identidade urbana definida mais pela relação espaço-tempo-informação. Novos conceitos e a reformulação de outros desgastam os alicerces da cidade moderna. Nasce cada vez mais híbrida e complexa outra modernidade urbana. Provavelmente já não fará muito sentido falar em cidade mas mais num processo urbano que se desenvolve por territórios físicos e mentais onde a noção de espaço-tempo perde o significado actual e ganha outros ao ritmo que novos níveis de entendimento são criados ou reinventados. Como já o fora durante o séc. XX com a Metropolis, Megalopolis, Metapolis, Telepolis.

E será a existência do processo urbano mais e mais ambíguo e processado por fluxos?

Provavelmente sim. Mas o importante é procurar entender como é possível desenvolver um processo urbano sustentável no território. Este processo inclui-se num novo ciclo digital. E este novo ciclo estimula a abstracção da cidade e da sua transformação num corpo não rígido mas viscoso e líquido (1). Como é referido por Sanford Kwinter de forma peremptória, o novo ciclo de computadorização é o prenúncio do fim das cidades.

Como é possível compreender os centros urbanos neste novo contexto e a importância das novas funções dos territórios no processo urbano?

Para entender melhor toda a complexidade de valores caracterizadores da urbanidade contemporânea, vou expor o estudo comparativo de três exemplos de dinâmicas urbanas. Três regiões europeias definidas basicamente por um eixo de união de dois

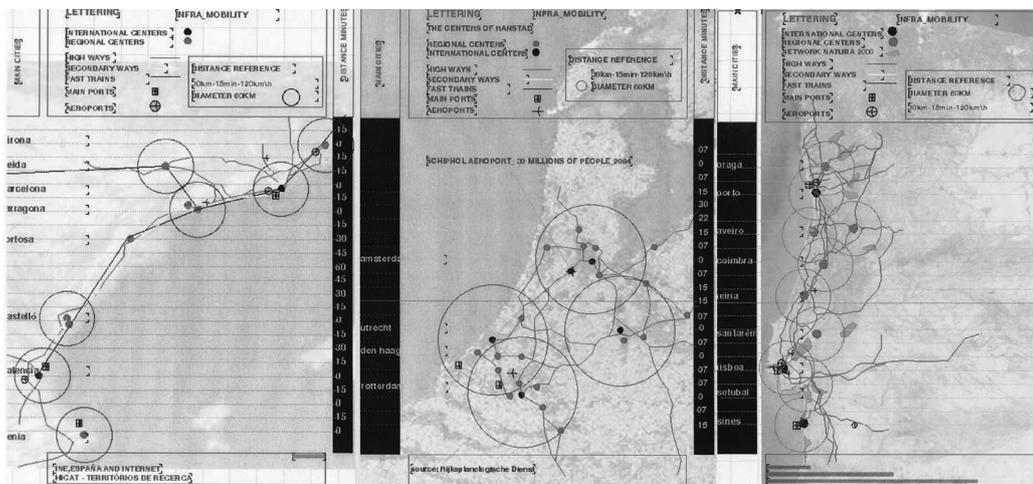


Diagrama de comparação de infra-mobilidades

centros urbanos catalizadores: Randstad, Amsterdão-Roterdão; Cat_valave, Barcelona-Valencia; Urb_Atlântico, Lisboa_Porto.(2)
 Cat_valave e Urb_atlântico são termos inventados por mim para melhor identificar as regiões em estudo que elegi como elementos urbanos comparativos na minha tese “int(d)encitism region concept, nova relação espaço-tempo” no master metropolis urban culture.

APROXIMAÇÃO ÀS TRÊS REGIÕES EM ESTUDO

A situação geográfica favoreceu, desde o início da formação de civilizações, as regiões costeiras e as linhas de água.

Nos casos em estudo esta característica é evidente no seu desenvolvimento urbano e é notória a sua influência na história da Europa. Cidades como Lisboa e Amsterdão foram tomando posições importantes a nível económico mas também a nível político e cultural. Só com as novas tecnologias de comunicação do início do século XIX existiu uma alteração clara na ocupação do território, promovida pela mobilidade facilitada.

Com o aparecimento do comboio e mais tarde a democratização do veículo particular, fizeram com que as redes naturais de comunicação perdessem peso para as estradas e caminhos-de-ferro. Com isso mais territórios puderam ser urbanizados e com isso a densificação populacional.

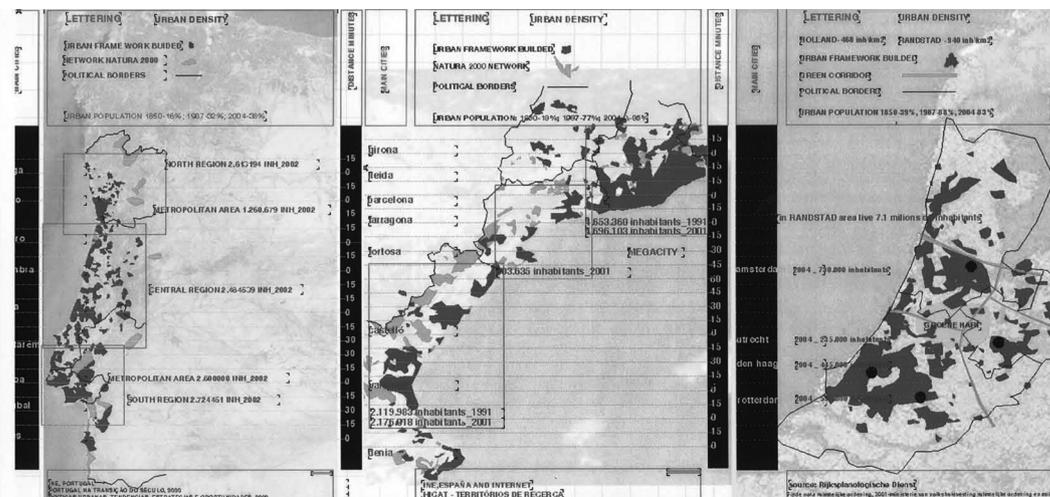
De qualquer modo as três regiões em estudo tiveram processos de crescimento e de conceptualização urbana distintos.

Têm características que as distinguem de forma clara, clima e condições orográficas por um lado e origens religiosa e cultural por outro. Estes indicadores podem revelar então que o processo urbano passa pelo efeito de uma conjuntura que é ou não estimulada pelo poder económico e cultural de cada região que fazem crescer as cidades a elas associadas.

As regiões não são elementos isolados e, mais a mais, o conceito de região não é definido por uma escala própria mas sim com referências, diferenciáveis e de escalas distintas. Por isso as regiões são relativas a um contexto.

As regiões definidas politicamente são a forma mais comum de analisar o território. As condicionantes de estratégias políticas definem a forma como os fluxos de pessoas, de capitais e mercadorias se gerem no território. O processo de criação de regiões identificáveis com a estratégia política é estruturante para a definição das identidades próprias de cada região.

Diagrama de densidade urbana



Ao longo da história da Europa nas épocas em que o ambiente político é mais aberto, nota-se uma maior disponibilidade económica e cultural, o que permite o desenvolvimento de relacionamentos com mais capacidade de estruturar uma rede complexa entre pontos urbanos e consequentemente do desenvolvimento de cidades e a reformulação do seu conceito estruturante.

Este processo potencia a divulgação e a evolução do conhecimento e os centros de transmissão multiplicam-se, promovendo uma maior concorrência e estímulo inovador.

Este espírito de inovação está directamente relacionado com o desenvolvimento tecnológico tanto em máquinas como em formas de comunicar, como em novos produtos e novas formas de fazer.

Podem-se identificar assim duas épocas marcantes para o desenvolvimento urbano.

No período romano na época imperial. Onde existia uma hierarquia em toda a estrutura. Criando um sistema vertical. As cidades estavam escalonadas e tinham funções distintas conectadas por um sistema viário eficaz. Os cidadãos romanos poderiam circular por todo o Império sem restrições, procurando as áreas de influência de cada cidade que mais se conciliavam às actividades pretendidas.

No período da Baixa Idade Média, com mais incidência nas regiões centrais da Europa, foi desenvolvido um sistema urbano de uma malha de hierarquias horizontais, de pequenas cidades-estado, especializadas em produtos específicos. Estas cidades ficavam distanciadas normalmente umas das outras com a medida de uma viagem de ida e volta a pé num dia. É a adaptação dos pontos centrais ao dinamismo da mobilidade.

Também é neste período que se começa a ter uma noção de território ocupado e não só de pontos de referência territorial, as cidades, como era até a esta época.

Neste período os territórios começaram a ser muito humanizados, a densidade populacional aumentou nos campos e uma cultura de raiz mais rural começava a despoletar referências urbanas. Este período foi a base do salto para uma nova realidade. O início da modernidade.

Actualmente existe uma estratégia política de escala europeia de gerir o território por regiões e não por países ou nações. A Europa das Nações do primeiro modernismo está a alterar-se para a Europa das Regiões deste terceiro modernismo (3), classificação de François Ascher faz no seu livro-ensaio "los nuevos principios del urbanismo". Esta é uma modificação muito grande a nível

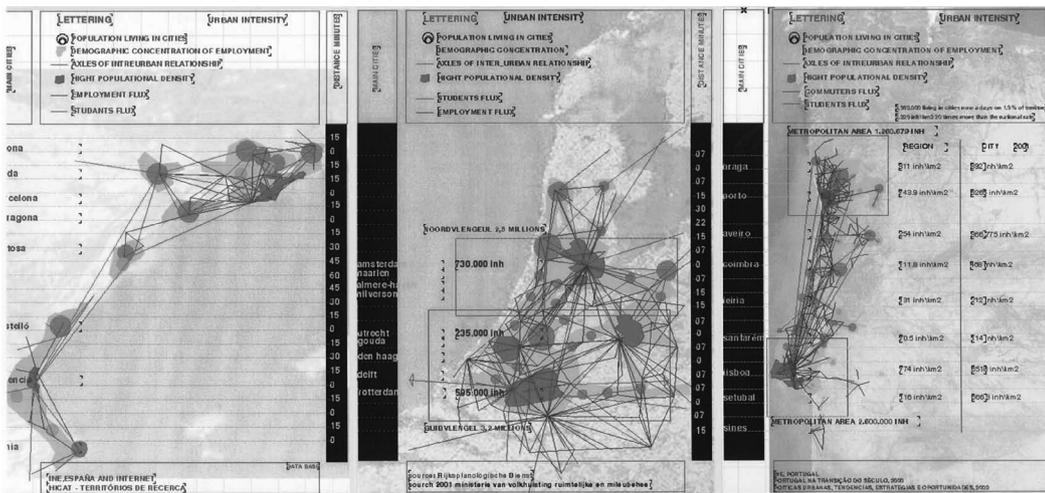


Diagrama de intensidade urbana

económico, social e logo territorial. Em que as cidades tomam nova importância, repartindo a sua influência urbana com territórios mais vastos.

Isto também porque as novas tecnologias de telemática permitem uma nova leitura do espaço urbano, real e virtual. Com uma dimensão de ubiquidade.

E é aqui que mais uma vez se coloca a pergunta "o que é cidade?". Esta questão tem tantas interpretações como as pessoas que a fazem. Por um ponto de vista conceptual a cidade é o que se pode chamar o ponto de encontro de homens e tudo o que com eles é identificável. O primeiro destes elementos é o negócio. A economia urbana nas suas diferentes abordagens desenvolve um sistema urbano em que a cidade continua a ser o principal centro de fontes emissoras de produção e criação humana.

Para o arquitecto é uma problemática acrescida do facto de desenhar as soluções cada vez mais adaptáveis às dinâmicas da sociedade e o seu relacionamento com a identidade urbana espaço-tempo-informação. Relação esta que se pretende sustentável. O sistema urbano expande-se e enraiza-se como referência cultural e social nos territórios cada vez mais distantes. Criando uma complexidade de compreensão dos limites das metrópoles, as suas fronteiras físicas e mentais. Actualmente as grandes metrópoles desenvolvidas e as regiões a elas identificáveis produzem o mesmo que países inteiros. Como exemplos: Tóquio, 2xMéxico; Paris, Brasil, Londres, Indonésia, Milão, Tailândia.

As regiões que delimitam a área de influência das cidades são cada vez maiores e cada vez com mais importância no desenvolvimento urbano sustentável. O crescimento dos sistemas urbanos integrados em que as infra-estruturas essenciais funcionam em sinergias dinâmicas permitem um crescimento económico mais sustentável, uma qualidade de vida melhor e um enriquecimento dos processos de construção e gestão urbana.

As regiões estudo, que proponho, estão em níveis de desenvolvimento económico diferentes e a sua ocupação territorial é também muito distinta. Os comportamentos culturais e sociais também diferem. São sistemas urbanos com pressupostos diferenciados. Estes defendem a qualidade de vida das populações e dinâmicas económicas mas com projectos políticos distintos.

O conceito de cidade tem vindo a ajustar-se à realidade, consoante as tecnologias evoluem e as tendências económicas e sociais se alteram.

De facto existem hierarquias de cidades e com isso escalas diferentes de gestão e poder. No sistema global as cidades cada vez

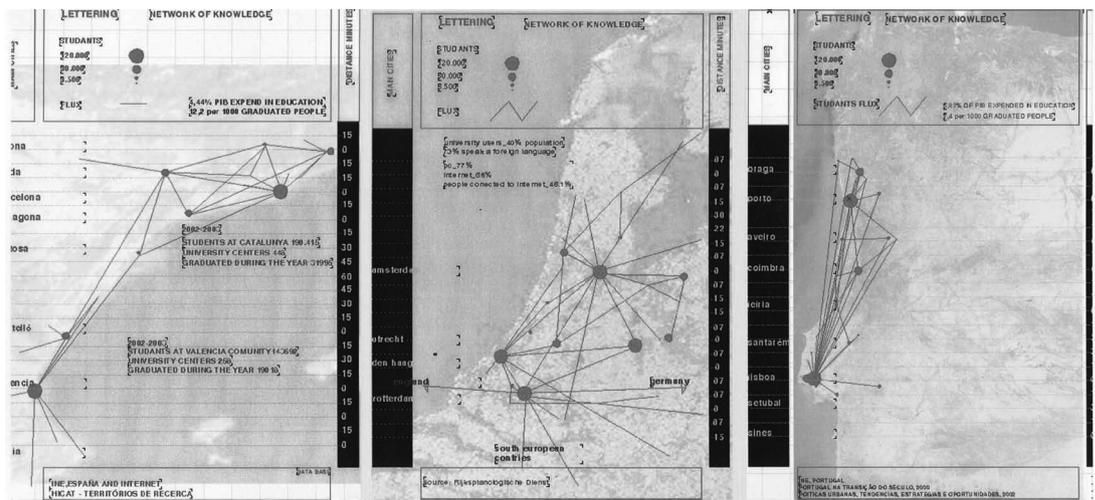


Diagrama de redes de conhecimento

menos representam países mas sim regiões a elas associadas. Quanto mais forte for o centro de centrifugação urbana, maior será a sua área de influência, “hinterland”.

Esta ramificação do processo urbano pelo território existe pela diversidade e complexidade de acontecimentos, serviços e actividades que demarcam um processo de ocupação territorial não só físico mas cada vez mais mental e virtual, por isso de escala digital. É através das novas tecnologias telemáticas que regiões periféricas dos eixos de urbanização centrais podem ter capacidade para se transformarem e refundarem num novo conceito de “cidade”. Neste processo um efeito que se destaca é uma renovação das identidades locais em relação a uma homogeneização dos processos económicos e dos sistemas de gestão. Cada vez mais a abertura e a livre mobilidade permite o desenvolvimento de uma identidade global como base mas também assente em processos de interpretação e de recomposição dos “backgrounds” locais.

Isso permite criar uma nova proporção da urbanidade estimulada pelo cosmopolitismo e individualização dos processos de fragmentação criativa do território.

A CARACTERIZAÇÃO

Sendo regiões urbanas definidas não por uma estratégia política mas sim por uma relação territorial, existe a necessidade da criação de parâmetros de formação da mesma base de comparação. E assim estas características comuns:

Localização europeia, Fronteiras económicas livres, Localização costeira, Cada região tem a sua própria língua e mais ou menos a mesma população.

Na comparação das três regiões em estudo pode-se considerar que:

Randstad_Amesterão-Roterdão, é completamente global. Com ligações e conectada a uma região vasta. Oferece serviços importantes a nível europeu. Tem o maior porto da Europa e o segundo maior do mundo. Tem um grande aeroporto de influência internacional. Estão sediadas empresas de dimensão mundial. Amesterdão é actualmente um centro cultural de comunhão de culturas à escala mundial ao mesmo tempo que é um grande centro financeiro

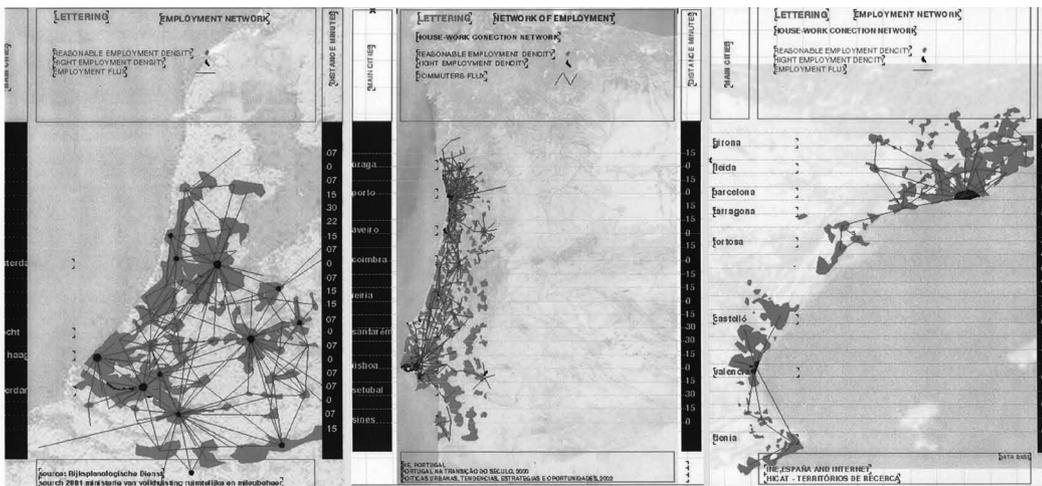


Diagrama de redes de emprego

E a 40 minutos de distância, 75km, Roterão é a grande porta logística da Europa.

Cat-Valave_Barcelona-Valência, esta relação não naturalmente política. Mas a ideia de a relacionar é interessante como princípio de comparação entre outra região ibérica Lisboa_Porto. Barcelona vive uma situação de explosão económica, originada pelo turismo e pela oportunidade de localização geográfica. Com isso as empresas internacionais deslocam-se para aqui. O carácter de Barcelona está-se a transformar. Passou a ter uma economia de escala. É uma cidade do sistema europeu e global. Valência está a começar a ter força turística muito forte. E é neste sector que se está a destacar a sua economia. Valência envolve uma região para sul muito dedicada ao turismo e à agricultura. Barcelona tem o seu território de influência mais para norte, criando redes de sinergias com outras cidades. É interessante compreender que devido ao facto de serem capitais de regiões políticas distintas, toda a história que compartilharam, o mesmo idioma e a identidade territorial está a distanciar o sistema urbano potencial.

A distancia de Barcelona a Valência é 350 km, 3 horas e 20 minutos de carro.

Urb-Atlântico_Lisboa-Porto, embora tenham a mesma distância que Cat-Valave e que tenham o mesmo número de habitantes. A ocupação territorial é completamente diferente. Região ultra-periférica em relação ao centro da Europa. Não tem um tecido económico de escala internacional forte e dinâmico que consiga captar serviços a uma escala alargada. Lisboa vive do seu centralismo e da pujante economia de turismo existente. Existem cidades intermédias que têm tido um processo de crescimento muitas vezes não sustentável.

A distância de Lisboa ao Porto é 310 km, 3 horas.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

Apoiado em duas lógicas de processos de análise distintos desenvolvi uma lista de análise e de acção com o nome de “PIZZA BASE”. (4) A metodologia de análise e comparação das três regiões escolhidas é baseada em duas lógicas distintas mas que pretendem ter o mesmo objectivo final: O “Hicat – teritorios de recerca”, é um compendio de estudos e investigações sobre as diversos parâmetros que influenciam o processo urbano na região.

O “Region Maker”, é um programa informático desenvolvido por Win Maas. A lógica do programa assenta numa hierarquia horizontal dos dados a processar. Define-se níveis de compreensão consoante as necessidades analisadas. Com este programa pretende-se analisar as dinâmicas dos processos urbanos característicos e identificadores em cada região, criando-se cenários especulativos. Este esquema é constituído por quatro níveis principais relacionados entre si de forma horizontal:

Primeiro nível é o **Território**: (a) Habitantes; (b) área; (c) PIB; (d) tempo.

Segundo nível são os **Fluxos**: (a) habitantes; (b) economia; (c) informática; (d) energia.

Terceiro nível é o **Urbano**: (a) densidade demográfica; (b) companhias e actividades.

Quarto nível são as **Infra-estruturas**: (a) Redes e sistemas; (b) geografia e logística.

Estes quatro níveis dividem-se em outros que por sua vez originam outros. É um processo constante de segmentação de critérios a avaliar no território em análise. É um sistema fractal de entendimento aplicado a todo o território.

Esta metodologia de análise tem como objectivo tentar responder a estas três questões:

O que significa planear o território num futuro incerto?

Onde estão as fronteiras entre o urbano e o rural?

Densidade significa urbano ou por outro lado a Intensidade é mais influente no processo?

DIAGRAMAS DE RELACIONAMENTO

Com a definição destes parâmetros de análise definem-se critérios de comparação que se definem graficamente. Aqui estão cinco diferentes diagramas de comparação entre as três regiões.

Densidade Urbana (**a**)

É caracterizado pelos parâmetros: estruturas construídas urbanas; corredores verdes “natura 2000”; fronteiras políticas; percentagem de população urbana.

Em **Randstad** existem 7.100000 habitantes numa muito elevada densidade 940 km. Amesterdão tem mais população, 730.000. mas existe um sistema muito bem organizado de centros urbanos. Existe a integração dos corredores verdes com as áreas de edificação. As áreas de edificação são desenvolvidas em torno do “Grone”. Grone é a área verde central deste território. Randstad é dividida em duas regiões, “Noodvleugel” com 2.9 milhões de habitantes e “Guidvleugel” com 4.2 milhões de habitantes. A população urbana em Randstad: 1850, 39%; 1987, 88%; 2004, 83%.

Cat_valave não tem um equilíbrio sustentável de ocupação do território.

Existem 4.700000 habitantes em Barcelona, 2.200000 em Valência e somente 600000 habitantes em Tarragona. A população urbana em Cat_valave: 1850, 18%; 1987, 77%; 2004, 85%.

Urb_atlântico é dividida em três regiões, cada uma delas mais ou menos com o mesmo número de habitantes, na região norte 2.613.100, na região central 2.484.000, e na região 2.600.000.

A população urbana em Urb_atlântico: 1850, 16%; 1987, 32%; 2004, 38%.

Há uma concentração de edificação pela área costeira, Existem algumas áreas naturais em conflito com áreas de construção, em Cat_valave e Urb_atlântico.

Intensidade urbana (**b**)

É caracterizado pelos parâmetros: concentração demográfica; densidade populacional; relação de eixos inter-urbanos de fluxos de emprego; expansão de conhecimento em universidades.

Randstad: existe uma grande polivalência de dinâmicas territoriais. Existe uma malha de aproximação urbana muito bem definida e organizada. Funciona como um grande, ao mesmo tempo físico e virtual.

Urb_atlântico: a dinâmica territorial tem a capacidade de criar uma maior intensa relação entre os centros urbanos e o território em torno deles. A densidade da população não é muito alta em algumas áreas.

Infra-mobilidade (**c**)

Os parâmetros de comparação são: Centros urbanos regionais; Centros urbanos internacionais; auto-estradas; Comboios rápidos; Portos importantes; Aeroportos.

Randstad: o sistema de infra-estruturas não é criado para unir as grandes cidades mas sim para criar uma rede de acessos em todo o território. Não existe uma forte hierarquização das infra-estruturas. Devido a este facto existe um conjunto de centros urbanos com um importante posicionamento no contexto regional. Neste território não existe uma área de influência de centros urbanos. Tudo é área de influência.

Cat_valave: os centros urbanos médios não conseguem fazer uma ligação entre os dois centros urbanos maiores. As infra-estruturas criam uma maior aproximação dessas duas cidades mas o território entre elas não tem a sua própria dinâmica.

Urb_atlântico: as infra-estruturas no seu território criam mais potencialidade entre as cidades médias e os dois grandes centros urbanos. É interessante analisar que existe uma continuidade de área de influência das cidades médias, desenvolvendo uma ligação entre os dois grandes centros urbanos.

CONCLUSÕES DE ANÁLISE

Devido a estratégias políticas e de ocupação territorial pode-se identificar que:

Randstad tornou-se um grande centro urbano formado por um complexo sistema de cidades com hierarquias complexas.

Em Cat_valave, os “Hinterland” de Barcelona e Valência não têm a mesma dinâmica de relação, e cada um pretende recriar uma distinta base de identidade.

Urb_atlântico tem um enorme potencial de estimulação da intensificação urbana do território e de dinâmicas urbanas específicas embora pouco coordenadas de forma estratégica.

O fluxo de mobilidade é criado em diferentes caminhos. Em Randstad existe um enorme e complexo dinamismo de mobilidade.

Cat_valave é um sistema bi-cefálico que cria um vazio entre as suas “Hinterlands” enquanto que em quase todo o Urb_atlântico as dinâmicas são policêntricas mas existe ainda hoje em dia um sistema bi-cefálico em torno das duas grandes áreas metropolitanas.

Pode-se observar em todos os territórios, espaços tensos entre áreas verdes protegidas e as dinâmicas de construção.

A problemática do tempo fractal num território fragmentado põe em causa as teorias de hiper-densificação urbana como veículo

de criação de “cidade”. Cada vez mais existem casos de sustentabilidade urbana em que a eficácia funciona pela intensidade urbana empreendida.

É uma questão de mobilidade, mais que tudo, o que faz actualmente a “cidade”. E com isso interessa perguntar onde são e como são os limites sustentáveis dos “Hinterlands”.

BIBLIOGRAFIA

- Gilles Deleuze and Félix Guattari, “Rizoma, Introducción”;
- Actar, “Diccionario metápolis de arquitectura avanzada”;
- Muxí, Zaida, “La arquitectura de la ciudad global”, 2004; historical condition:
- Chueca Goitia, Fernando, “Breve História do Urbanismo”, 1982;
- Carro Forrat, Juan, “Introducción a la historia del Urbanismo” Ed Universidad Politecnica de Valencia UPC, 2003;
- Carter, Hord, “An Introduction to Urban Historical Geography”, Ed. Edward Arnold, 1983;
- Brook, Christopher, Swaam, Wim, “the monastic world 1000-1300”.
- Colin Rowe and Fred Koetter, “Collage City”;
- “Constant’s new Babylon”;
- Sorkin, Michael, “Media Park” (traffic in democracy);
- Echevarria, Javier, “Telèpolis”;
- Derderian, James, “The Virilio Reader”;
- Deleuze, Gilles, “1000 mesetas”;
- Delgado, Manoel, “Animal Publico”;
- Castells, Manuel “The networked society”, Oxford, Blackwell, 1998;
- Hame, Gary, Pensador de gestão-“Competing for the future”;

- Saskin, Sassen, “globalization and its discontents” and “The Global City: New York, London, Paris” 2000.
- Friedmann, John “where we stand: a decade of world city research”, 1995
- Ascher, François, “Metapolis, Acerca do futuro da cidade”, 1995;
- Ascher, François, “los nuevos principios del urbanismo”, alianza ensayo, 2004;
- Sharon Zukin, “Landscapes of Power – from Detroit to Disney World”, university of California press, 1991;
- Giedion, Sigfried, “Espacio, Tempo, y arquitectura (el futuro de una nueva tradición)”, 1978, Editorial Dossat, quinta edición;
- Bru, Eduard, “Coming from the South”, Actar, 2001;
- Koolhaas, Rem , generic city S,L,M,XL;
- Koolhaas, Rem, Harvard, “ Mutations”, Actar, 2000;
- Virilio, Paul, “El ciber mundo o la política de lo peor”;
- de Sola Morales, Ignasi – “territories” GG, 2002;
- Lynch, Kevin, “La imagen de la ciudad”, Ggreprints 1998 (1984);
- “Parasite, Paradise, A manifesto for temporary architecture and flexible urbanism”, Nai Publishers/Skor, 2001;
- Solà-Morales, Ignasi, Costa, Xavier, “Metrópolis”, GG 2005.
- MVRDV, “the Regionmaker, Rhein Ruhr City”, Nr, 2000;
- Maas, Winy, “Five Minutes city”, Episode Publishers Rotterdam, 2003;
- Nai Publishas, “Architecture – Rethinking”;
- V2_Publishing/Nai Publishas, “Transurbanism”, ;
- Diputació Barcelona, “Redes, Territórios y Gobiernos”;
- “Hiper-cat territories de recerca”;

- Vegara, Alfonso, De las Rivas, Juan Luis, "Territorios Inteligentes".ed Fundacion Metropoli, 2004;
- "Making the city by the sea", forum & workshop 2001.

Políticas Urbanas, Tendências, estratégias e oportunidades.

Portugal na Transição do Século, retratos e dinâmicas territoriais.

ARTIGOS

- Paul Virilio, "Over exposed City";
- Giorgio Canti, "Il cyberspazio delle reti: Ambienti, territori, frontiere senza mappe?";
- Filippo Innocenti "La forma del tempo nell'architettura dell'information";
- Saskia Sassen, "the global city: introducing a concept and its history."
- Ferrão, João, "intervir na cidade: complexidade, visão e rumo."



Randstad



Barcelona



Lisboa